

As mulheres no graffiti e nas ruas: marcas da luta pelo direito à cidade na cartografia da paisagem simbólica do centro do Rio de Janeiro

Diana A. S. Silva e Naylor B. Vilas Boas

Diana A. S. SILVA é Mestre pelo PROURB-FAU-UFRJ; doutoranda no PROURB-FAU-UFRJ; diana.silva@fau.ufrj.br

Naylor B. VILAS BOAS é Doutor em História Urbana; professor do PROURB-FAU-UFRJ; naylor.vilasboas@fau.ufrj.br

Resumo

As cidades contemporâneas são consideradas suportes para as intervenções artísticas de graffiti. Cotidianamente, existem grafiteiras que se manifestam graficamente na paisagem urbana. Os desenhos podem carregar símbolos e significados que, embasados pelas lutas das mulheres pelo direito à cidade, amplificam as vozes das cidadãs contra seus ocultamentos provocados pelo histórico de opressões sociais. Em meio a este cenário, este artigo tem o intuito de mapear e analisar as intervenções não institucionais de graffiti realizadas por mulheres no Centro da cidade do Rio de Janeiro no período de 2015 a 2022. A partir de uma abordagem interdisciplinar, entre o urbanismo, a história da arte e o design busca-se entender as manifestações gráficas das grafiteiras como marcas que evidenciam suas identidades em determinados lugares. Portanto, o georreferenciamento do graffiti realizado por mulheres pode ajudar a entender onde estão as intervenções que também constituem a paisagem simbólica da cidade contemporânea, pode estreitar as experiências nos espaços físicos e digitais a partir da cartografia e documenta a durabilidade do impacto socioespacial dessas ações efêmeras.

Palavras-chave: arte urbana, gênero, paisagem, representação gráfica, espaços públicos.

Abstract

Contemporary cities are considered supports for artistic graffiti interventions. Every day, there are graffiti artists who manifest themselves graphically in the urban landscape. Drawings can carry symbols and meanings that, based on women's struggles for the right to the city, amplify the voices of citizens against their concealment caused by the history of social oppression. Amid this scenario, this article aims to map and analyze the non-institutional graffiti interventions carried out by women in the city center of Rio de Janeiro from 2015 to 2022. Using an interdisciplinary approach, between urbanism, the history of art and design seeks to understand the graphics manifestations made by graffiti women works as brands that highlight their identities in certain places. Therefore, georeferencing the graffiti made by women can help to understand where the interventions that also constitute the symbolic landscape of the contemporary city are, can narrow experiences in physical and digital spaces based on cartography and document the durability of the socio-spatial impact of these ephemeral actions.

Keywords: urban art, gender, landscape, graphic representation, public spaces.

Resumen

Las ciudades contemporáneas se consideran soportes para intervenciones artísticas de graffiti. Cada día, hay grafiteros que

se manifiestan gráficamente en el paisaje urbano. Los dibujos pueden portar símbolos y significados que, a partir de las luchas de las mujeres por el derecho a la ciudad, amplifican las voces de los ciudadanos contra el ocultamiento provocado por la historia de opresión social. En medio de este escenario, este artículo tiene como objetivo mapear y analizar las intervenciones de graffiti no institucionales realizadas por mujeres en el centro de la ciudad de Río de Janeiro entre 2015 y 2022. Utilizando un enfoque interdisciplinario, entre el urbanismo, la historia del arte y el diseño busca entender la manifestación gráfica hecha por las grafiteras como marcas que resaltan su identidad en determinados lugares. Por lo tanto, georreferenciar el graffiti hecho por mujeres puede ayudar a comprender dónde están las intervenciones que también constituyen el paisaje simbólico de la ciudad contemporánea, puede acotar experiencias en espacios físicos y digitales a partir de la cartografía y documentar la durabilidad del impacto socioespacial de estas acciones efímeras.

Palabras-clave: arte urbano, género, paisaje, representación gráfica, espacios públicos.

Introdução

A paisagem da cidade contemporânea está em constante transformação a partir da sobreposição cotidiana de intervenções artísticas. Os agentes dessas iniciativas podem ser desde ações institucionais a expressões de grupos sociais. Entretanto, sobre os atos não institucionais, é possível considerá-los expressões de como as pessoas podem habitar as cidades. O direito dos cidadãos de ocuparem os espaços públicos como formas de criação de elementos artísticos está no entendimento coletivo social (LEFEBVRE, 2016). Assim, os grafismos pelas ruas subvertem o sistema hegemônico.

Diante da relevância dessas manifestações, deve-se evidenciar os agentes, pois é possível notar que alguns grupos são colocados à margem dos poderes. Por esta razão, este artigo tem como objetivo mergulhar no caso das mulheres, pois historicamente (FEDERICI, 2017) são colocadas no anonimato e sobrecarregadas com papéis sociais.

Com a finalidade de compreender como as mulheres se apropriam das ruas de maneira contra hegemônica, é que se pretende observar suas iniciativas não institucionais de graffiti¹. Acredita-se que essas atitudes podem criticar os controles territoriais, pois é um ato de como cada grafiteira subverte as camadas socioculturais, bem como da estrutura masculina do movimento do Graffiti (PABÓN-COLÓN, 2018).

Pode-se compreender que o graffiti realizado por mulheres é um modo de sublinhar que cada grafitei-

¹ Este artigo procurou manter a grafia Graffiti (com a primeira letra maiúscula) para citar o conceito do movimento e graffiti (com a primeira letra minúscula) para tratar das pinturas.

ra pode reivindicar seu direito à cidade (LEFEBVRE, 2006). Contudo, entende-se que existem mulheres se arriscando cotidianamente nas ruas para marcar os lugares. Logo, é necessário questionar: onde estão as intervenções de graffiti feitas por mulheres e essas manifestações incorporam simbolismos na paisagem?

A fim de desenvolver essas questões, é interessante realizar um mapeamento das iniciativas de graffiti elaboradas por mulheres, pois permite debates sobre a reivindicação dos espaços com a arte. Tendo em vista um mapa original dos trabalhos das grafiteiras no Centro da cidade do Rio de Janeiro, este artigo tem como objetivo contribuir com o registro das obras efêmeras possibilitando um diálogo interdisciplinar sobre a espacialização de graffiti. O trabalho com a cartografia pode evidenciar dados invisibilizados (CORNER, 2011) e é relevante para a criação do mapa como recurso da luta ao direito à cidade.

Mulheres na luta

Para tratar da relação das mulheres com as cidades, autoras como Silvia Federici (2017) recorrem aos saberes históricos de como o sistema capitalista se consolidou. Segundo a autora, a mudança paradigmática do sistema do Feudalismo para o Capitalismo serviu para a multiplicação de cidades muradas na Idade Média na Europa Ocidental controladas por homens. Esse sistema também desumanizou as mulheres, as tratando como *bens*, como as propriedades que foram perdidas pela privatização das terras comunais. Para sustentar esse sistema, as atividades mercadológicas se baseavam na acumulação de bens, em uma 'acumulação primitiva'², como indicado abaixo:

² Silvia Federici tem como referência os pensamentos de Karl Marx no tomo I de *O Capital*, onde a acumulação primitiva torna-se um processo de complexidades sociais em um sistema de desigualdades.

O que se deduz desse panorama é que a violência foi a principal alavanca, o principal poder econômico no processo de acumulação primitiva, porque o desenvolvimento capitalista exigiu um imenso salto na riqueza apropriada pela classe dominante europeia e no número de trabalhadores colocado sob o seu comando. Em outras palavras, a acumulação primitiva consistiu uma imensa acumulação de força de trabalho – “trabalho morto”, na forma de bens roubados, e “trabalho vivo”, na forma de seres humanos postos à disposição para sua exploração – colocada em prática numa escala nunca antes igualada na história. (FEDERICI, 2017, p:121)

Segundo o trecho, o sistema capitalista reforçou segregações e seus poderes se concentravam nos centros urbanos, consolidando seus territórios. Dentro das muralhas, as cidades se adensavam, fragmentando o urbano e o rural, bem como o direito das mulheres pelas cidades. A partir desse momento, o sistema he-

gemônico capitalista patriarcal instituiu papéis sociais de domesticação às mulheres. Todavia, esse processo não foi pacífico. O não disciplinamento das mulheres pelo Estado e pela Igreja foi significativo no período da 'Caça às Bruxas', pois "aquelas que ousaram trabalhar fora do lar, em um espaço público e para o mercado, foram representadas como megeras". (FEDERICI, 2017, p: 189).

A resistência das mulheres levou a manutenção de suas identidades e questionamentos sobre o poder hegemônico. Desta forma, surgem os feminismos que circunscrevem as diversidades e interseccionalidades³ e lançam luz às experiências cotidianas das cidadãs, pois é uma forma que "as vozes das fronteiras habitam e incorporam a nova política cultural da diferença." (ABLA, 2017, p: 87). A autonomia das mulheres resultou no aumento de suas produções profissionais e artísticas que, com suas narrativas, contestaram suas relativas lacunas de informações.

A busca das mulheres por seus espaços também se reflete em suas participações nas administrações espaciais, como sinaliza Terezinha de Oliveira Gonzaga (2011). A autora alerta que a presença de mulheres nas discussões das cidades é um caminho para as mudanças, pois se afasta de padrões hegemônicos. A participação das mulheres é ainda mais importante para os espaços públicos, que demonstram uma relativa falta de representatividade da diversidade urbana. No entanto, a transformação desses espaços indica que têm um significativo papel social e que são potentes invólucros para manifestações, como a autora destaca:

Neste espírito, deve-se considerar o espaço das cidades como um dos lugares do fazer social, pois aí se dão encontros, comemorações, consumo, trabalho [...] devendo ser avaliado e considerado, tendo em vista o desejo de que cada vez mais se possa aprimorar e desenvolver um conhecimento abalizado na prática coletiva." (GONZAGA, 2011, p:23).

Para alguns autores como Zaida Muxí e Josep Maria Montaner (2021) o espaço urbano também é uma oportunidade para melhorar o acesso equalitário dos cidadãos as cidades. É o ambiente que convida as pessoas para participarem das gestões das cidades e das políticas públicas para garantir seus direitos. Mesmo que a bagagem dos autores em órgãos administrativos municipais⁴ indique que as administrações públicas sejam engessadas, o cuidado cotidiano sobre a cidade através da perspectiva das mulheres é uma mudança paradigmática em curso.

³ O termo foi registrado pela estadunidense Kimberlé Crenshaw em 1989. Trata-se da consideração de eixos como raça, gênero, classe, deficiências, etnia e outros que fazem parte da identidade dos sujeitos.

⁴ Zaida Muxí participou do corpo diretivo de Urbanismo, Moradia, Espaço Público e Ecologia em Barcelona (Espanha, 2015) e Josep Maria Montaner na área de Moradia e Habitação em Barcelona (Espanha, 2014).

A aproximação dos feminismos com o pensamento urbano pode ampliar as maneiras de como as mulheres se manifestam nas cidades, de acordo com Leslie Kern (2021). A autora aponta que, as mulheres ao elaborarem atividades na vida pública revelam que os espaços públicos são importantes “lugares de ativismo para a maioria dos movimentos sociais e políticos dos últimos dois séculos” (KERN, 2021, p: 160). Assim, pode-se entender que as mulheres se apresentam nas ruas como uma necessidade de comunicarem suas vozes, como fica evidente na citação em destaque:

Ao longo da História, as mulheres usaram a cidade tanto como local quanto como lanças de luta, como afirmou o filósofo marxista francês Henri Lefebvre. Em outras palavras, a cidade é o lugar para ser ouvido; é também o lugar pelo qual lutamos. Lutando para pertencer, para nos sentirmos seguras, para ganhar a vida, para representar nossas comunidades e muito mais. (KERN, 2021, p:161)

Leslie Kern (2021) sublinha que a presença das cidadãs nas ruas é uma forma de fortalecer lutas sociais através da divulgação de seus debates. Ou seja, diante da conturbada história das mulheres com o invólucro urbano, algumas expressões, como o Graffiti, marcam suas lutas por direitos às cidades. As intervenções de graffiti ampliam as formas de habitar e de resistir aos controles históricos. Sendo assim, o graffiti feito por uma mulher divulga sua diversidade identitária.

Desta maneira, o graffiti faz parte da constituição urbana, pois pode propiciar debates sobre os lugares. Essa expressão artística é ainda mais relevante pela perspectiva de que uma imagem representa a voz de uma cidadã, que é também uma coautora dos espaços públicos. Por isso, é interessante observar os processos do graffiti feito por mulheres, pois as narrativas são escritas nas superfícies das cidades todos os dias.

Onde estão as mulheres no Graffiti?

As histórias podem ser formadas por diferentes perspectivas, como é constituído no movimento do *Graffiti*. Porém, no grupo, são realizadas majoritariamente por homens. Autoras como Jessica Nydia Pabón-Colón (2018) alertam que a falta de representatividade das mulheres significa o ocultamento de suas histórias no Graffiti, pois “sempre houveram garotas que escrevem” (PABÓN-COLÓN, 2018, p: 9) desde o início do movimento em 1960. A autora ouviu mais de 100 grafiteiras de 23 países para entender o cenário do Graffiti e por isso, relata dificuldades das mulheres no movimento, como pode ser visto em suas declarações:

Existem apenas algumas das maneiras pelas quais a presença das meninas do graffiti foi reduzida, negada ou negligenciada. Como a diferença não foi questionada ou considerada importante, mais de quarenta anos de pesquisa foram conduzidos sem uma consideração substancial ou adequada da diferença de gênero nem um envolvimento sustentado com as meninas do graffiti. É hora de perturbar essa elisão. (PABÓN-COLÓN, 2018, p:9).

Outros autores também perceberam esta realidade, como Nicholas Ganz (2006). O autor vislumbra motivos para esses silenciamentos, como o patriarcado, com a desigualdade social e de gênero, e a falta de segurança. Por isso, a maioria das artistas vivem no anonimato, pois o Graffiti é das “poucas áreas da vida em que o gênero de uma pessoa pode ser disfarçado” (GANZ, 2006, p: 12). A lacuna de dados sobre as mulheres na arte também é uma questão conhecida na História da Arte⁵, como provoca Linda Nochlin (2016). A autora alerta que essa história foi escrita por homens, logo, mesmo que ‘as mulheres artistas existam há séculos’ (NOCHLIN, 2016, p: 9), é preciso encontrá-las e escrever seus novos capítulos. Com a finalidade de contribuir para a história das grafiteiras, cabe indicar o contexto do Graffiti. O movimento se consolidou em 1960 nos Estados Unidos, ligado ao Hip Hop, pelos subúrbios de Nova York por jovens negros e latino-americanos que se expressavam contra o des-caso dos poderes públicos com a periferia. Desde então existem artistas como as estadunidenses Eva 62, Barbara 62 e Michele 62. Essa geração buscou romper com os limites sociais impostos, mas os problemas de acesso das mulheres ao movimento se mantiveram.

De acordo com a divulgação do Graffiti em revistas e audiovisuais na década de 1980, mais mulheres integraram o movimento. Na época, mulheres como Claw Money e Miss17 e o coletivo de mulheres artistas *Ladies of the Arts* (1980) fortaleceram a cena do Graffiti nos Estados Unidos. Nos anos de 1990 surge uma nova geração de artistas como Queen Andrea (Estados Unidos), Faith47 (África do Sul); Jana Joana (Brasil); entre outras. Esse aumento de grafiteiras foi ampliado em 2000 com alguns coletivos como *Girls on Top* (Inglaterra) e *Transgressão Para Mulheres (TPM Crew)*⁶ (Brasil), considerados pioneiros do compartilhamento de experiências entre as artistas.

Diante do contexto brasileiro, as grafiteiras Aila Alita (Rio de Janeiro), Tina Soul (Minas Gerais), entre outras, foram consideradas precursoras do estilo no cenário brasileiro em 1990. Desde então, algumas artistas se consolidaram, como Edaz (Rio de Janeiro),

⁵ A pergunta de Nochlin (2016) “Por que não houve grandes mulheres artistas?” também é percebido na luta pelas mulheres na Arquitetura, visto em “Where are the women architects?” por Stratigakos (2016).

⁶ É considerada por Jessica Nydia Pabón-Cólon (2018) como o primeiro coletivo feminino no Brasil.

Wira Tini (Amazonas) e os coletivos como Só calcinha Crew (São Paulo) e PPKREW (Rio de Janeiro).

É possível compreender que o enraizamento do Graffiti no Brasil pelas mulheres fortalece as reflexões sobre os contextos socioespaciais, bem como carrega a diversidade de estilos, temas e técnicas baseadas pelas culturas e saberes locais. Logo, os diálogos entre artistas, a população e os lugares (mediados pelo graffiti) constroem coletivamente o movimento. Assim, é importante observar as expressões das grafiteiras, pois têm especificidades que reescrevem a história do Graffiti.

Vale ressaltar que a própria prática de fazer graffiti é um desafio, pois o lugar, o tempo, os materiais, a companhia e as intempéries são etapas que são vivenciadas antes, durante e depois da ação. Contudo, para as mulheres é uma questão ainda maior, pois existe a preocupação com a vulnerabilidade de seus corpos. Por este motivo, algumas grafiteiras preferem estar acompanhadas em períodos diurnos ou noturnos para grafitem na cidade.

Visitar os lugares é fundamental as artistas compreenderem o impacto de suas ações. Porém, identificar um graffiti feito por uma mulher no invólucro urbano não é uma tarefa simples. A ausência de padrão artístico exige o contato com as grafiteiras para entender suas identidades e realidades.

A fim de visualizar como as artistas intervêm na cidade, procura-se observar os locais das manifestações a partir de mapas das obras de graffiti. O trabalho com mapas a partir deste tema ganha força ao incorporar os sentidos das intervenções pelo contato com as grafiteiras e os lugares. Então, as cartografias que são produzidas representam graficamente os deslocamentos das artistas na cidade e podem ser pontes para o diálogo com a população.

Diante desses debates sobre o Graffiti, é possível compreender os motivos de existirem mulheres no movimento. O fortalecimento identitário das grafiteiras no estilo e nas ruas é fundamental, mas entende-se que o Graffiti oferece para as mulheres um arcabouço de técnicas para a geração de novas formas simbólicas na paisagem. Assim, para entender os impactos dessas expressões, é importante questionar: onde estão as ações de graffiti feito por mulheres e por que estão em lugares específicos?

A cartografia do efêmero na paisagem simbólica

Cartografar auxilia no entendimento de contextos socioespaciais e está sendo reprocessado constantemente (COSGROVE, 1989). Contudo, autores como Brian Harley (2009) apontam que a cartografia foi baseada na construção política de conhecimentos guiados pelo poder hegemônico. A história dos mapeamentos é marcada pela utilização da prática em “atos de vigilância, sobretudo aqueles de guerra, à propaganda política, à delimitação de fronteiras”. (HARLEY, 2009, p: 3). Ou seja, o mapa e o que está nele é a consequência interpretativa sobre o contexto.

Dessa forma, as representações gráficas de um mapa são hibridizadas com significados, símbolos e narrativas. Diante desse contexto, é possível compreender que os mapeamentos são processos e não somente resultados. Essa realidade no mundo hiper-mapeado vai potencializar as “contracartografias”⁷ que podem produzir cartografias que não reproduzem estruturas opressoras e estabelecem novas experimentações gráficas a partir das vivências dos próprios ‘novos cartógrafos’.

⁷ No artigo “Dos pontos aos mapas: mídias locativas e [contra] cartografias” (2017) de Cristina A. G. Kiminami e David Sperling, a “contracartografia” é uma forma de mapeamento que se afasta dos padrões.

Com base nesses pensamentos, a intenção de elaborar um mapeamento das intervenções de graffiti realizadas por mulheres significa que o *fazer* é o caminho metodológico. Ao longo dos anos de mapeamento de 2015 a 2022, foi necessário identificar quem são as grafiteiras presencialmente e nas redes sociais para reconhecer os lugares das obras, reforçar contatos e identificar a autoria de um trabalho. A ida aos lugares onde estão as intervenções também é fundamental para o mapeamento, pois permite experiências sensoriais que não são contempladas somente no mapa.

Durante os encontros cotidianos e inesperados com o graffiti no espaço público, a cartografia foi feita a partir da utilização da plataforma *Google Earth Pro* (Figura 01). Cada graffiti feito por uma mulher que foi descoberto foi implementado no mapa digital através de pontos com as atualizações de autoria, local, tema e foto da intervenção. Esse processo permitiu um cruzamento com a área do Design ao trabalhar com uma representação gráfica espacializada para uma melhor visualização dos dados (KOSMINSKY, 2019) Ou seja, a cartografia e a experiência presencial se complementaram, ajudando a identificar 231 graffiti e 32 grafiteiras no Centro. De acordo com mapa na Figura 01, foi possível analisar que o bairro do Centro atrai intervenções gráficas do Graffiti, pois além de carregar um histórico urbano

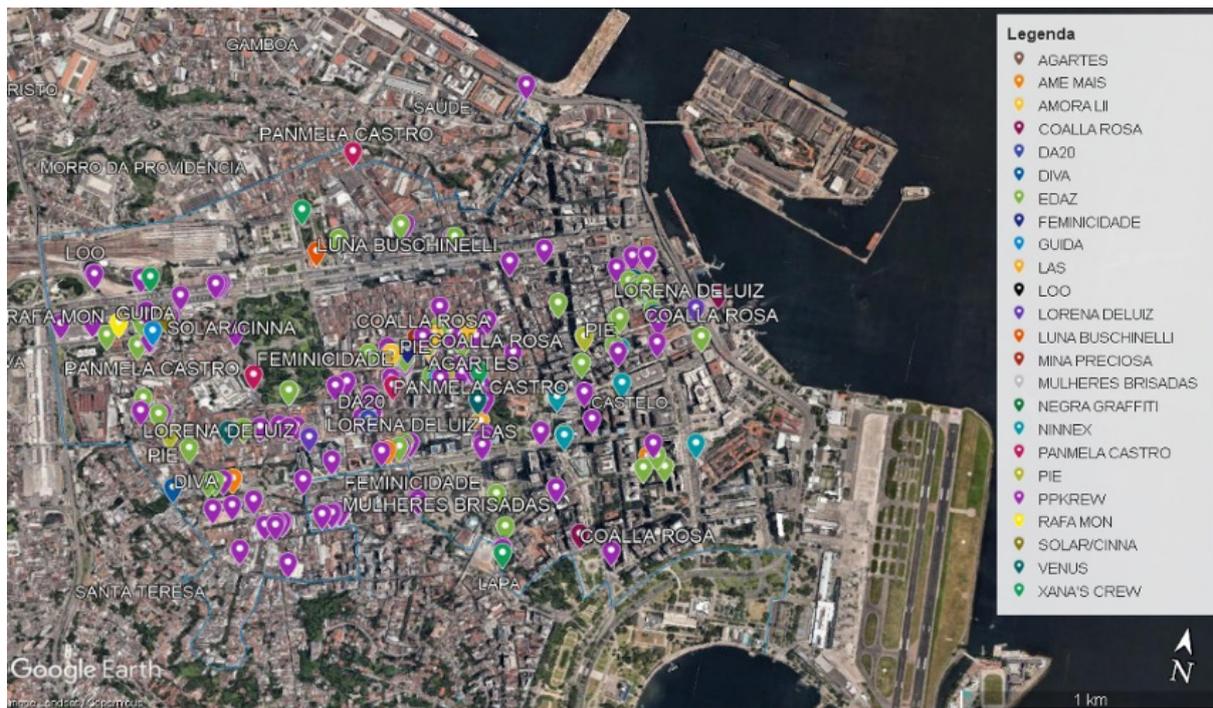


Figura 1
 Mapa 'Graffiti por mulheres no Centro do Rio'
 Fonte: Elaboração dos autores, 2022 (autorizada pelos autores)

significativo para a constituição do Rio e Janeiro (SIS-SON, 2008), é uma área que centraliza serviços que ocasionam no grande fluxo de transeuntes, gerando espaços de grande visibilidade para a divulgação dos trabalhos artísticos. Contudo, a presença de graffiti realizado por mulheres se destaca em alguns locais específicos, como a Avenida Presidente Vargas (Figura 02), por ser observada por muitos.

A maneira como as grafiteiras interagem com esses locais (visto na Figura 02) indica que dependem da constituição do espaço, principalmente quais lugares oferecem uma relativa segurança, visibilidade e fruição do ambiente. Por esta razão, o mapa auxilia o planejamento urbano a avançar seu acesso à infraestrutura urbana para as mulheres. Vale ressaltar que a cartografia da presença das grafiteiras nas cidades é dinâmica, pois "o mapa é uma colagem viva, com imagens, palavras e emoções espalhadas por nossos bairros" (KERN, 2021, p: 200), sendo essencial para os estudos urbanos, como afirma Leslie Kern (2021).

Durante o mapeamento também foi possível notar que as intervenções de graffiti de mulheres sinalizam a durabilidade de suas resistências. Mesmo que os trabalhos tenham durações imprevisíveis no espaço por conta de intempéries e outras interferências, essa

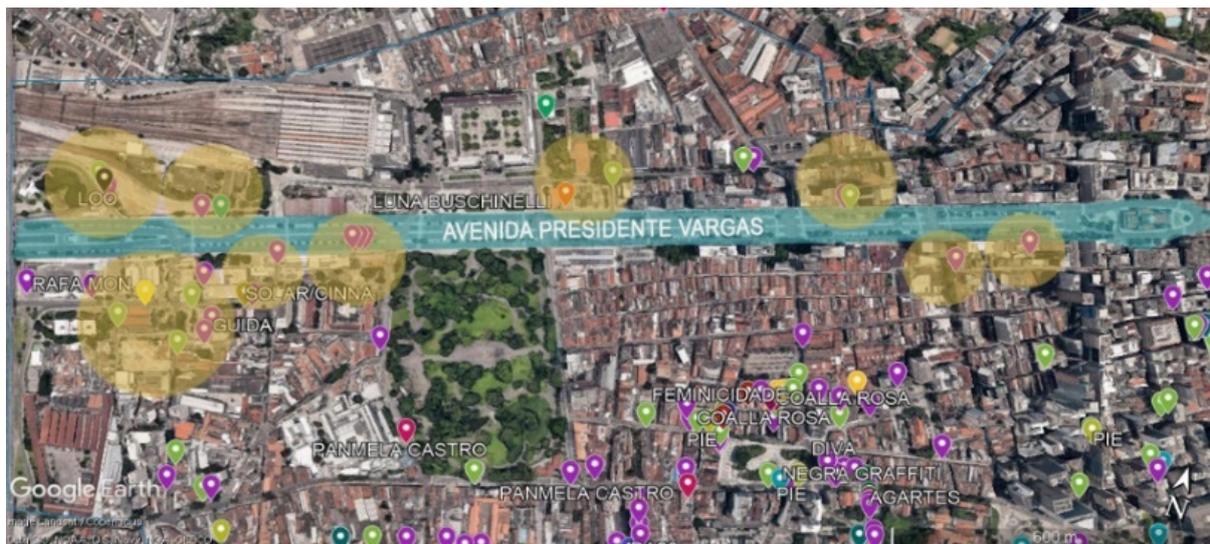


Figura 2
Intervenções na Av. Presidente Vargas
Fonte: Elaboração dos autores, 2022 (autorizada pelos autores)

indefinição pode colaborar para a construção da paisagem de forma furtiva e assertiva (SANSÃO FONTES, 2013). Assim, a efemeridade não minimiza suas influências na paisagem da cidade. Na verdade, quando o graffiti é analisado pelo mapa digital, existe uma prolongação de sua existência, permitindo que as grafiteiras evidenciem ainda mais suas vozes e realidades.

A fim de evidenciar casos identificados no mapeamento, é interessante observar dois exemplos que comprovam a efemeridade do graffiti e agregam simbolismos na urbe. Estes foram escolhidos por conta do registro obtido em tempos diferentes. O primeiro se trata do "bomb"⁸ da grafiteira Venus no tapume metálico

⁸ No Graffiti, "bomb" é bomba em português, equivalente as ações espontâneas de nomes ou símbolos.



Figura 3
Na esquerda: graffiti de Venus no tapume em 2021. Na direita: desmonte da superfície em 2022
Fonte: Fotografias de 2021 e 2022 de acervo pessoal (autorizada pelos autores).



Figura 4
Na esquerda: graffiti de Amora Lii em 2019. Na direita: novo graffiti de Edaz e some o de Amora Lii em 2022. Fonte: Fotografias de 2019 e 2022 de acervo pessoal (autorizada pelos autores).

do Convento do Carmo (2021) (vide Figura 03). Com grandes letras arredondadas com linhas pretas, a artista escreveu seu pseudônimo, gravando sua existência no espaço. Depois de um ano essa intervenção foi removida. Diante do levantamento cartográfico, esse grafismo faz parte dos 183 casos de assinatura encontrados, sendo um tema recorrente das grafiteiras.

O outro caso é a assinatura da grafiteira Amora Lii em portão de uma loja na Rua da Constituição em 2019 (vide Figura 04). O mesmo lugar foi fotografado três anos depois, e o cenário foi de sobreposição do grafismo de Amora Lii e a criação de um novo *bomb* pela grafiteira Edaz no vidro de uma loja ao lado. As assinaturas se destacam, mesmo com diferentes estilos de linhas ou volumes coloridos. Ou seja, as mulheres estão aplicando suas presenças simbólicas na paisagem. Ambos os exemplos reforçam como é difícil descobrir qual graffiti foi feito por uma mulher. Acredita-se que é possível reconhecer, fundamentalmente, ao conhecer o estilo das grafiteiras.

De acordo com Denis Cosgrove (1989), a relevância da cartografia está nessa possibilidade de decodificar o que os grafismos da paisagem urbana querem dizer, pois "para entender as expressões escritas pela cultura na paisagem precisamos conhecer a 'linguagem' aplicada: os símbolos e os significados junto à cultura" (COSGROVE, 1989, p: 125). Ou seja, quando um graffiti está no espaço público, pode impactar como um cidadão entende o sentido da paisagem simbólica e eleva os níveis de 'consciência reflexiva e de comunicação'.

A paisagem amplia a comunicação humana, pois é “um ambiente de relacionamento humano, um grande suporte onde se desenvolve o cotidiano de seus cidadãos” (TILL, 2014, p: 56). Mesmo que seja um desafio identificar um graffiti no complexo invólucro urbano, para Joy Till (2014), a paisagem se potencializa na constante transformação e sobreposição de manifestações gráficas. A autora enfatiza que, as imagens feitas pelos cidadãos colaboram para a diversidade do design gráfico visual dos espaços públicos e isso fomenta o sentimento de pertencimento no lugar. Logo, a constituição gráfica e simbólica da paisagem perpetua saberes locais e identidades.

Com base nesse contexto e reflexões, é possível entender que mapear graffiti feito por mulheres no Centro do Rio de Janeiro é um processo contínuo. Torna-se necessário o contato com as grafiteiras e seus estilos para que entender como a paisagem simbólica e gráfica também é construída pelas mulheres. Diante dessa perspectiva, tratar das expressões artísticas das grafiteiras e das formas de mapeamento é um modo de vislumbrar como o direito à cidade se encontra na paisagem urbana.

Considerações finais

Encontrar a diversidade de intervenções de graffiti feitas por mulheres no Centro da cidade do Rio de Janeiro e refletir sobre o histórico das opressões sociais proporciona a compreensão de que essas iniciativas podem ser consideradas resistências contra hegemônicas. Com base no movimento do Graffiti, essas ações são caminhos para as mulheres questionarem controles territoriais e reivindicarem espaços de representatividade na urbe.

Portanto, o mapeamento digital é capaz de concentrar uma variedade de informações e pode auxiliar nos estudos urbanos sobre as camadas de realidade na cidade. Sendo assim, colocar as grafiteiras e seus trabalhos no mapa é um ato de afirmar suas existências, pois quando uma grafiteira faz um desenho no muro, ela marca sua existência no mundo. É uma ação que sinaliza as mulheres como coautoras da paisagem e indica como os grafismos que, mesmo efêmeros, fortalecem as lutas femininas pelo direito à cidade.



Referências

- ABLA, M. M. *Gênero e produção de habitação social: uma perspectiva para o planejamento urbano a partir do pensamento de Elizabeth Denby, Carmen Portinho, Margarete Schütte-Lihotzky e Catherine Bauer*. 2017. 437f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- CORNER, J. The agency of mapping: speculation, critique and invention. In: COSGROVE, D. (org.), *Mappings*. London: Reaktion Books, 2011. pp. 89-101.
- COSGROVE, D. Geography is everywhere: cultural and symbolism in human landscapes. In: GREGORY, D.; WALFORD, R. (org.), *Horizons in human geography*. London: Barnes & Noble Books, 1989. pp. 118-135.
- FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Ed. Elefante, 2017.
- GANZ, N. *Grffiti woman: graffiti and street art from five continents*. Nova York: Harry N. Abrams, Inc., 2006.
- GONZAGA, T. O. *A cidade e a arquitetura também mulher: planejamento urbano, projetos arquitetônicos e gênero*. São Paulo: Annablume, 2011.
- HARLEY, J. B. Mapas, saber e poder. In: *Confins - Revista Franco-Brasileira de Geografia*, São Paulo, n. 5. 2009. pp. 1-25.
- KERN, L. *Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.
- KOSMINSKY, D. (org.) Belief at first sight: Data visualization and the rationalization of seeing. *Information Design Journal*, v. 25, n. 1. 2019. pp. 43-55.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Nebli, 2016.
- MONTANER, J. M.; MUXÍ, Z. *Política e arquitetura: por um urbanismo do comum e ecofeminista*. São Paulo: Olhares, 2021.
- NOCHLIN, L. *Por que não houve grandes mulheres artistas?* São Paulo: Aurora, 2016.
- PABÓN-COLÓN, J. N. *Grffiti Grrlz: performing feminism in the Hip Hop diaspora*. Estados Unidos. NYU Press, 2018.
- SANSÃO FONTES, A. *Intervenções temporárias, marcas permanentes: apropriações, arte e festa na cidade contemporânea*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: FAPERJ, 2013.
- SISSON, R. *Espaço e Poder: Os Três Centros do Rio de Janeiro e a Chegada da Corte Portuguesa*. Rio de Janeiro: Arco, 2008.
- TILL, J. H. W. *Paisagem gráfica da cidade: um olhar sobre o Rio de Janeiro*. 2014. 160f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.